

---

## Janela Mágica experimenta ludicidade como jogo de cena

*Por Simone Carleto<sup>1</sup>*

Chegando ao quiosque do Parque Santos Dumont, na tarde de 1º de setembro, a trupe que iria encenar *A briga da Onça e do Tatu* já estava a postos. O elenco cantava canções do repertório popular tradicional brasileiro, aquele que é transmitido oralmente. Por conta disso, o clima era de harmonia com o ambiente e algumas pessoas presentes que já aguardavam no local a apresentação. Notei, entretanto, pela ausência de estrutura de som, por exemplo, que seria mostrado algo mais próximo da linguagem de contação de histórias, ou seja, uma proposição mais intimista, que em tese aproxima o público de uma obra literária ou da cultura oral.

Com uma Narradora (Naiara Sampaio), um ator-músico que representou o Papagaio (Jean Fábio) e dois atores que representaram o Tatu (Guilherme Venâncio) e a Onça (Ana Bo), o Grupo Janela Mágica, com direção de Lucilene Dias e direção musical de Rômulo Scarini, apresentou sua versão do tradicional conto popular que narra a briga da onça e do tatu. Trata-se de um tipo de conto de caráter mnemônico (ligado às questões da memória) que brinca com a capacidade do papagaio de reproduzir informações. Desse modo, a dramaturgia de Carlos Rosa evidencia as confusões que uma comunicação truncada pode gerar. O aspecto narrativo é aprofundado a partir da relação que o Papagaio estabelece com o público e os trocadilhos que experimenta ao decodificar as mensagens que recebe da Onça e do Tatu para serem repassadas a um e outro.

A comunicação com as crianças foi bastante efetiva, tanto que em bate-papo mediado por Fabiana Monsalú, ao final, contou com o envolvimento de parte do público infantil. Antes e durante a peça foram feitas brincadeiras que reforçam a

---

<sup>1</sup> Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.



# 33º FESTIVALE

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO

inclinação lúdica do coletivo. Faz-se fundamental, entretanto, que o grupo revisite a montagem, atribuindo a ela o rigor que exige o trabalho destinado ao público infantil, aprimorando os processos e procedimentos de criação artística. Tanto no concernente ao trabalho vocal, físico e relacional, na utilização das máscaras ou manipulação de bonecos, a postura do coletivo tornar-se-á significativa com a intensificação do estudo desses elementos e de sua aplicação à cena, não como meros instrumentos, mas como expedientes funcionais que garantam explicitar sua intencionalidade. Essa atitude torna-se efetiva para reforçar a necessidade de valorização da produção teatral local, como ocorre com a importante iniciativa do *Festivale*, fortalecendo os trabalhadores das artes cênicas e conseqüentemente a cena teatral. De antemão, frize-se o mérito da escolha do tema pelo grupo e abordagem que trazem para reiterar a relevância do estabelecimento da cultura de paz, em contraponto aos diversos tipos de violência cotidiana.

---

<sup>1</sup> Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.